

Editora Insular

**Castigo e Crime - Adolescentes criminalizados
e suas interações com as condutas de risco,
a educação e o sistema de justiça**

© Julia Siqueira da Rocha

Editor
Nelson Rolim de Moura

Capa
Mauro Ferreira

Projeto gráfico e editoração eletrônica
Siviana Fabris

Foto da autora
Ricardo Fernandes Bráz

Revisão
Carlos Neto

R672c Rocha, Julia Siqueira da
Castigo e crime – adolescentes criminalizados e suas interações
com as condutas de risco, a educação e o sistema de justiça. Julia Siqueira
da Rocha. Florianópolis: Insular. 2016.

314 p.

ISBN 978-85-7474-906-8

1. Educação. 2. Sociologia da educação. 3. Adolescentes crimina-
lizados. I. Título.

CDD 370.19

EDITORIA INSULAR
Rodovia João Paulo, 226
Florianópolis/SC – CEP 88030-300
Fone/Fax: (48) 3232-9591
editora@insular.com.br – www.insular.com.br
– twitter.com/EditoraInsular

INSULAR LIVROS
Rua Antonio Carlos Ferreira, 537
Bairro Agronômica
Florianópolis/SC – CEP 88025-210
Fone: (48) 3334-2729
insularlivros@gmail.com

*Dedico este livro ao meu filho Vinícius,
porque nele vejo todos os meninos e todas
as meninas do mundo, o que me basta
para querer-lhes o melhor da vida.*

entre 12 e 18 anos incompletos. O termo jovem recebe diferentes designações, podendo abranger parte da adolescência, os chamados jovens-adolescentes entre 12 e 17 anos, os jovens-jovens com idade entre 18 e 24 anos, e os jovens-adultos, na faixa etária entre 25 e 29 anos, mas não estão abrangidos sobre forma legal, sob um estatuto. Todas essas designações são convenções que se alteram nas diferentes culturas, tempos e contextos sociais. Pierre Bourdieu (1983) afirma que as divisões entre as idades são arbitrárias:

É o paradoxo de Pareto dizendo que não se sabe em que idade começa a velhice, como não se sabe onde começa a riqueza. De fato, a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades (Bourdieu, 1983, p. 112).

A linha divisória entre os conceitos de adolescência e juventude é, como se pode ver, difusa e academicamente vem sendo considerada por distintas áreas do conhecimento. O cientista social chileno Oscar Lavilla Leon (2005), assim se posiciona:

Disciplinamente, tem sido atribuída à Psicologia a responsabilidade analítica da adolescência, na perspectiva de uma análise e delimitação partindo do sujeito particular e seus processos e transformações como sujeito; deixando a outras disciplinas das ciências sociais – e também das humanidades – a categoria de juventude, em especial à sociologia, antropologia cultural e social, a história, educação, estudos culturais, comunicação, entre outras (Leon, 2005, p. 11).

Este recorte de pensar a adolescência pelo viés psicológico de forma exclusivista, vem sendo quebrado e, na sociologia, meu principal aporte teórico, há cientistas que aprofundam estudos específicos sobre adolescência, e estes estudos me interessam, porque incorporam também contribuições de outras áreas dos saberes, permitindo olhar os rapazes e as moças, agentes desta pesquisa, em sua múltipla dimensionalidade. Para tanto, é a combinação dessas contribuições que revelam as mudanças corporais e orgânicas, as pressões sociais às quais são submetidos nessa etapa da vida e as novas estruturas do

O que é adolescência?

Adolescência vazia, eu tinha quase 16. Ninguém me compreendia e eu não compreendia ninguém.
(Banda Nenhum de Nós)

A Adolescência⁸ e a Juventude⁹ são designações históricas que, em linhas gerais, têm por parâmetro uma faixa etária. No Brasil, a Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, que instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelece que adolescente é o indivíduo

8 A palavra "adolescência" vem da palavra latina "adoleo", que significa crescer.

9 Juventude palavra latina "juventus", significa novo, recente.

pensar e conceber sua identidade que quero e necessário compreender.

As contribuições da área da saúde vêm demonstrando que a passagem do corpo infantil para um corpo adulto (fenômeno verificável em todas as culturas em um mesmo limite de período etário denominado puberdade)¹⁰, sofre relevantes alterações em meio a circunstâncias climáticas, alimentares, entre outras, o que não confere unicidade humana, nem mesmo nos aspectos biológicos. No entanto, a produção de hormônios sexuais característicos desse período, estrutura possibilidades à procriação e de vivência de uma sexualidade mais elaborada, o que, por si só, engendra novas perspectivas relacionais. Segundo Wusthof (1997),

Para a 'operação puberdade', o corpo dispõe de vários comandantes: hipotálamo, uma estrutura do encéfalo que funciona como uma central telefônica, recebendo, interpretando e transferindo informações através de hormônios de liberação. A sua subordinada direta chama-se hipófise, uma glândula alojada na base do cérebro, com diâmetro de pouco mais de um centímetro e peso de aproximadamente meio grama. Essa glândula poderosa, além de produzir outros hormônios como o do crescimento e o estimulador da tireoide, secreta as gonadotropinas. Essas substâncias – cruciais no caso da puberdade – induzem as gônadas a produzirem os hormônios sexuais, a testosterona (no homem) e o estrogênio e a progesterona (na mulher) (Wusthof 1997, p. 25).

A intensificação da sexualidade nesse período da vida provoca também, segundo as análises psicanalíticas, uma mudança do equilíbrio psíquico, produzindo novas vulnerabilidades orgânicas, corporais e da personalidade, costumeiramente chamada de "crise", que se constituiria em mais uma das tantas crises comuns à existência humana. Segundo Osório (1989, p. 14), "a adolescência é uma crise

10 O termo puberdade deriva da palavra latina *pubertas*, significando idade da virilidade.

¹¹Essa fase se refere à primeira etapa da adolescência, quando a maturação sexual se torna evidente" (Congers, 1979, p. 18).

vital como o são tantas outras ao longo da evolução do indivíduo (o desname, o início da socialização ao término da primeira infância, o climatério, [...])." No entanto, uma importante característica da adolescência está em um acúmulo de energia libidinal, que em nossa cultura, muitas vezes, está desassociada da possibilidade da vivência plena da vida sexual. Portanto, essa "crise" não se dá isoladamente no indivíduo: ela é de cunho social e familiar, na medida em que os pais também têm dificuldades em reconhecer o (a) próprio(a) filho(a) como um novo ser. Somado a isso, acontece a "chamada" busca de originalidade ou de afirmação de sua personalidade. Neste sentido:

A "crise" é um processo de busca de identidade, e isto significa o encontrar-se consigo mesmo, como um ser no mundo. Em seus estudos, Freud fez uma analogia com a tragédia de Sófocles na passagem em que Édipo não compreende o que está escrito no oráculo: 'Conhece-te a ti mesmo.' Ou seja, a identidade é o conhecimento que cada um de nós busca em si mesmo como unidade pessoal que, por sua vez, se distingue de todos os outros indivíduos (Santa Catarina, 2006, p. 26).

Na cultura ocidental, essa etapa da vida é acompanhada de renúncias relacionadas à vida infantil, esta renúncia vai desde o abandono dos brinquedos até o cuidado protetivo presencial mais intenso, ao mesmo tempo em que inúmeras novas exigências se apresentam, impondo escolhas sobre estudos, profissão, vida afetiva, amorosa e sexual, valores e moralidade, o que por si só produz um sentimento de dúvida e desamparo. Muitas vezes tais escolhas culminam com as especulações metafísicas, as inclinações ao misticismo, à aproximação com grupos rebeldes, sejam eles de cunho político-ideológico ou de contestação aos limites socialmente construídos. O surgimento de certa arrogância e a exacerbação da agressividade também se apresenta como mecanismos de defesa a toda essa pressão.

Na perspectiva sociológica priorizada, sou levada a observar que tais atitudes não podem ser analisadas como fatos isolados, mas como reflexo de uma sociedade, na qual a "ausência de limites" para alguns, tem significado a castração precoce da vida de muitos. Há

Julia Siqueira da Rocha

uma impossibilidade real na padronização dos conceitos de adolescente, em uma sociedade desigual, em que indignidade e injustiça social lançam inúmeros meninos e meninas num mundo cruel de trabalho inadequado, violências, prostituição e consumo/venda de drogas como forma de prover sua subsistência. Ao mesmo tempo e para outros adolescentes, a adolescência representa o maior ingresso ao mundo do consumo, das festas e viagens com autonomia financiada por seus pais provedores. Também não se pode esquecer aquela parcela que se sente arbitrada a qualificar a humanidade, identificando-se como superior e se autorizando a barbáries com os que considera inferiores, a exemplo do jovem de Brasília ao atear fogo em um índio que dormia na parada de ônibus, para (em suas palavras) "se divertir", expressando claramente a sociedade do individualismo e da competitividade.

Uma sociedade onde o individualismo (não a individualidade) e a competição (em detrimento da solidariedade) são componentes fundamentais de sua sustentação remete, também, para a perspectiva do egoísmo e o de procurar somente o melhor para si, independente do preço e dos possíveis danos aos outros. Exacerba-se o culto ao *deus Thanato*, sobretudo nos meios de comunicação, onde a violação dos direitos humanos é estimulada, divinizada e elevada à condição de heróis brasileiros, sejam eles da favela, do meio rural, do meio urbano e de diferentes condições socioeconômicas e culturais (Santa Catarina, 2006, p. 26).

Estudiosos do desenvolvimento e aprendizagem humana, como Jean Piaget (1976), Henri Wallon (1981) e Lev Seminov Vygotsky (1993), apontam uma diferenciação e qualificação do pensamento nessa etapa da vida. Maiores possibilidades de abstração, sínteses e generalizações permitem um raciocínio mais "lógico, científico", ou, nas palavras de Piaget (1976), é o "período das operações formais". Para esse pensador, as mudanças de pensamento dos adolescentes sobre si mesmos e suas relações com os outros, além da natureza de sua sociabilidade, resultam dessa nova estrutura, que, entre outras possi-

bilidades, permite ao adolescente construir teorias e reorganizar seu próprio conceito, sendo um pensamento de segunda potência, capaz de operar com proposições mais elaboradas intelectualmente.

Wallon (1981) e Vygotsky (1993) são expoentes da Psicologia Histórico-Cultural, para os quais a ênfase não está no orgânico, uma vez que entendem que este também se desenvolve na relação com o outro, numa relação mediada, que incidirá sobre os aspectos plásticos e qualitativos das funções psicológicas superiores, aportando ao social uma relevância maior no desenvolvimento humano. Esses estudos também especificam diferentes instâncias na forma do pensar nessa etapa da vida. Wallon (1981) organiza sua teoria psicogenética em diferentes estágios, sendo a adolescência o último deles; no entanto, essa organização teórico-metodológica exige entender que o desenvolvimento não se dá de maneira linear e contínua, mas por integração de novas funções e aquisições às anteriores. A acumulação quantitativa de funções culmina na evolução qualitativa das mesmas, a partir de uma nova organização, em que as dimensões motora, afetiva e cognitiva se integram de maneira diversa da fase anterior, alterando-se no exercício de predominância de uma sobre as demais. A preponderância de um dos aspectos sobre os demais é decorrente da sua integração, que é plástica, dinâmica e resultante da superação da oposição de um em relação aos outros.

O estágio da puberdade e da adolescência é apresentado, pela teoria walloniana, como última e movimentada etapa. A adolescência, que para o autor tem início aos 12 anos com a puberdade, é marcada por transformações de ordem fisiológica, mudanças corporais impostas pelo amadurecimento sexual, assim como por transformações de ordem psíquica com preponderância afetiva. Nesse estágio, os sentimentos do adolescente se alternam procurando buscar a consciência de si na figura do outro, contrapondo-se a ele, além de incorporar uma nova percepção temporal. São características marcantes que refletem uma nova ordem mental, e a ambivalência de atitude e sentimentos resultantes da riqueza da vida afetiva e imaginativa que traduzem um desequilíbrio interior, são necessidades novas ain-

da confusas. Há, na perspectiva walloniana, uma diferente e maior capacidade do adolescente em representar mentalmente uma pessoa, uma situação ou cena; essa ampliação promove uma "desordem", provocando a fragilidade no limite entre o imaginário e a realidade.

O pensador Lev Seminov Vygotsky não organiza sua teoria de desenvolvimento e aprendizagem aportada na ênfase de etapas ou estágios fixos, ao contrário, considera que a construção do indivíduo, em sua integralidade, se dá pela mediação social, numa relação ativa em que o humano transforma o social e é por ele transformado. Assim, as funções complexas do desenvolvimento humano se relacionam às interações feitas por ele no social. Não há, para Vygotsky, uma natureza humana inata, e o processo de hominização se origina e se desenvolve na prática social. Nesse sentido, as formas de pensar e agir do adolescente serão condicionadas em sua cultura pelas possibilidades e limites das relações estabelecidas; daí decorre não haver uma adolescência que se encontre pronta.

O adolescente, quanto às suas funções psicológicas, superiores, aquelas processadas em conjunto com o desenvolvimento orgânico e a qualidade das interações sociais, ou seja, as capacidades de abstração, sínteses, generalizações, atenção concentrada, memória seletiva entre outras, prescinde da inserção no social, com seus limites e possibilidades vinculados à qualidade das interações sociais estabelecidas, em uma relação ontogenética e filogenética, em que pesse sua exclusiva trajetória em relação à trajetória de toda a humanidade, em uma total imbricação histórica e cultural.

Com esse entendimento, ao estudar as funções da formação dos conceitos espontâneos e científicos¹¹ e as relações da linguagem e do pensamento, Vygotsky afirma que é na adolescência que as reais possibilidades de se operar com conceitos científicos estão presen-

11 Um conceito não é apenas um conjunto de conexões associativas assimiladas a partir da memorização, nem um hábito mental automatizado, mas um autêntico e completo ato de pensamento. Os conceitos são generalizações, cuja origem se encontra na palavra que, internalizada, se transforma em signo mediador, pois todas as funções mentais superiores são processos mediados. Conceitos espontâneos são os que se formam no cotidiano das interações sociais, já os conceitos científicos exigem pautas internacionais, métodos específicos e se constitui em formas mais elaboradas de compreensão da realidade (condensado a partir da obra de Vygotsky 1993; 1994).

tes, e existe um importante avanço no desenvolvimento intelectual, oriundo de todas as interações vividas durante a infância, permitindo a formação dos verdadeiros conceitos. O pensamento por conceito constitui, para o jovem, o ingresso no mundo da consciência social e no conhecimento das ciências, das artes e nas diversas esferas da vida cultural, que podem agora ser corretamente apropriadas.

Pensar por conceitos expande a compreensão de si, dos outros e da realidade nas suas múltiplas variáveis. É o pensamento abstrato que se impõe em detrimento do pensamento concreto. Pela comunicação entre pares há uma nova formação de entendimento e formação de visão pessoal sobre o mundo, o futuro e as relações interpessoais que vão estruturando um sentido pessoal para a vida. Pensar por conceitos é um novo conteúdo que se referencia no seu entendimento, e há uma conversão para convicções internas que orientarão o sentido ético e estético de seus propósitos, desejos e interesses, organizando sua conduta. Tal comunicação entre pares e vivência gregária grupal organiza, também, suas perspectivas de futuro em distintos âmbitos, incluindo a vida escolar e profissional.

Entender esses processos de formação identitária do adolescente, em âmbitos gerais, instiga a pensar nos rapazes e moças, assim como nos conflitos pessoais e sociais que os levam para caminhos de distanciamento da convivência escolar e, até mesmo, a situações de pendências judiciais. Originando muitas das demandas recebidas nas escolas pelo sistema de justiça, por aqueles que apresentam a chamada conduta de risco, conceito cunhado por Le Breton (2009a). Este autor considera que:

Um dos caminhos de busca de reconhecimento e gratificação, principalmente para os jovens. Pode ser um meio de eternizar a juventude, mesmo entre os não tão jovens, provando poder pessoal, não é somente um rito de passagem, mas uma "atualização desse conceito". Refere-se a avançar o sinal vermelho, saquear uma loja, consumir drogas, não se alimentar, conduzir moto ou carro em alta velocidade, entre outros; seriam riscos deliberados de muitos jovens, mas as juventudes singularizam

seus ritos, suas formas de afrontar limites, produzindo a exaltação de uma vida perigosa (Le Breton, 2009a, p. 18).

Se a adolescência é, materialmente, o lugar das profusões do arriscar-se no mundo, é por certo com o corpo que se visualizará as formas de confronto, de afirmação, de enquadramento, de distinção e nele se revelará uma estética que briga por estar no mundo com sentido, como os embelezamentos, a tatuagem, o *piercing* e as modificações, por essa razão Le Breton (2003a, 2007, 2012) ensina que a adolescência é, em sentido figurado, uma existência à flor da pele, mas também, real na perspectiva de que as fronteiras do sentido ainda penam para se estabelecer. A pele é uma metáfora da relação com o outro, ela mede, com efeito, a qualidade de contato. A pele encerra o corpo, os limites de si; ela estabelece a fronteira entre o dentro e o fora de maneira viva, porosa, porque ela é também abertura para o mundo, memória viva. A pele é saturada de inconsciente e de cultura, ela desvela o psiquismo do sujeito, mas também, a parte que ele toma no interior do laço social, a história que o banha. O privado e o público se juntam nela. Em matéria de sentido, a pele é o ponto de contato com o mundo e os outros, nesta significação o corpo substitui, para o adolescente, a palavra inefável.

O sofrimento de um adolescente é como um abismo, sem comparação com o de um adulto que, via de regra, tem experiência suficiente para relativizar as provações experimentadas, sabendo que o tempo e novos acontecimentos diminuem sua intensidade. O adolescente está, frequentemente, à flor da pele e suas reações são sem meias-medidas e sem recuos. Um conflito com seus pais ou amigos, uma ruptura amorosa, uma decepção, têm, para ele, contornos de um drama sem dimensão. Frequentemente, os adultos evocam a “futilidade” dos “motivos” que levam, por exemplo, a uma tentativa de suicídio. Isso configura uma forma de adultocentrismo, que falha na compreensão da subjetividade do adolescente.

A adolescência, para além da idade, se relaciona fortemente ao *status* do lugar que os adolescentes ocupam dentro das referências de extrato social às quais estão vinculados. Nesta perspectiva reafirmo

que as sociabilidades respondem mais ao aspecto das desigualdades de oportunidades do que a uma globalização em que se quer crer que há unicidade para se pôr dignamente no mundo. A coabrança que há unicidade para se pôr dignamente no mundo. A coabrança imediata do lugar de viver e das condições de vida representam os caminhos de busca dos adolescentes na atualidade. Se por um lado todos carregam o peso de um mundo em constante transformação que lhes retira os conhecidos marcos balizadores das passagens entre as etapas de vida, por outro lado cada adolescente jogará e se arriscará no limite de suas condições estruturais.

A essas premissas, dedico os capítulos 3 e 4, nos quais serão analisadas as trajetórias de vida e escolar desses adolescentes. Nesse cenário, aquilo que às vezes parece rebeldia, maldade, se analisado de outro modo pode significar certa incapacidade aprendida para a expressão/manifestação de amor, afeto, solidariedade e companheirismo, da vida em instituições que não conseguem acolher a diversidade e peculiaridade dos adolescentes e, muito menos, aportar oportunidades significativas, fruto de uma sociedade desigual.